



Disciplina: FSL0644
Sociologia do Desenvolvimento –
“A invenção do Terceiro Mundo”.

Prof. Alvaro A Comin
alvcomin@usp.br

Aula 9. Estado e industrialização na América Latina.

Aula 9. Estado e industrialização na América Latina.

- *Schneider, Ben Ross (2013) “O Estado desenvolvimentista no Brasil: perspectivas históricas e comparadas”. Rio de Janeiro, IPEA, *Texto para Discussão - 1871*.
- Amsden, A. (2001) A Ascensão do "Resto". Os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia [Cap. 6 (pp. 125-160)]
- Schneider, Ben Ross “The *Desarrollista*-State in Brazil and Mexico”. In: Woo-Cumings, M. (Org.). *The Developmental State*. Ithaca: Cornell University Press, 1999. [Cap. 9, p. 276-305].

Bibliografia Adicional

- Peter Evans (1982) *A Tríplice Aliança. As multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro*. RJ, Zahar.
- Furtado, Celso (1981) “Estado e empresas transnacionais na industrialização periférica”. *Revista de Economia Política*, Vol. 1, nº 11. (Janeiro-março)
- Felipe Marineli *O pensamento de Antônio Delfim Netto e o milagre econômico brasileiro (1968-73)*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2017.
- Pedro Ferreira de Souza and Marcelo Medeiros and Fabio A. Castro, (2015) "Top incomes in Brazil: preliminary results", *Economics Bulletin*, Volume 35, Issue 2, pages 998-1004.

Industrialização e Mudanças na Estrutura Social

- O Estado-Desenvolvimentista e a industrialização brasileira: antes e depois do “Milagre”;
- Impactos da liberalização sobre a estrutura do emprego e sobre a desigualdade;
- Neo-desenvolvimentismo ou neo-liberalismo?

Desenvolvimento Nacional

- (...) "desenvolvimento" não é apenas uma trajetória local de transformação. É também definido pela relação entre a capacidade produtiva local e uma reordenação global de setores industriais. Os países que preenchem os nichos setoriais mais dinâmicos e lucrativos são os "desenvolvidos". Ser relegado a nichos menos recompensadores ou manter vínculos menos desejáveis de uma cadeia produtiva reduz a perspectiva de mudança progressiva. Como a divisão internacional de trabalho é hierárquica, preocupar-se com o desenvolvimento requer uma preocupação com o seu lugar na hierarquia. (Peter Evans, 2004, p.33)

O Estado Desenvolvimentista e a busca pelo emparelhamento (*catch-up*)

- Em termos de objetivos ou de ambição, o que diferencia os Estados desenvolvimentistas de outros Estados – já que quase todos procuram promover o crescimento – é que os Estados desenvolvimentistas são projetados para mudar rapidamente e de forma permanente o *ranking* global de um país (Schneider, 2013, p. 11).

Industrialização Substitutiva

- “A industrialização de substituição de importações foi, sem lugar a dúvida, um processo reativo: tratou-se de encher um vazio. Uma demanda que florescera no quadro da economia primário-exportadora deu sentido e direção às transformações operadas no sistema”. (p. 41)
- “Mas não nos equivoquemos com respeito à natureza desse processo de reversão ao mercado interno, pois ele ocorria em economias destituídas de qualquer autonomia tecnológica. A diversificação dos sistemas produtivos, ao guiar-se pela demanda dos bens finais de consumo, fazia ainda mais premente a necessidade de tecnologia e equipamentos importados”.(Furtado, 1981; p. 41)

O problema da distribuição da renda

- Distribuir renda para estimular a demanda (fortalecimento do mercado doméstico);
- Concentrar renda para estimular a oferta (fortalecer os investimentos);



Fonte: Elaboração do autor a partir de publicações da Receita Federal e órgãos predecessores, Ministério da Fazenda, IBGE e outros.

Autor: Pedro
Ferreira de Souza

Mudanças na estrutura produtiva: diversificação, complexificação e aprofundamento.

- **Indústrias tradicionais:** têxtil, vestuário, madeira, borracha, vidros e cerâmicas, calçados, alimentos etc.;
- **Indústrias de base:** extração/refino/processamento de metais e combustíveis fósseis;
- **Indústrias Modernas:** Metalmeccânica, eletroeletrônica e linha branca, química, farmacêutica, material de transporte;
- **Infraestrutura:** geração e distribuição de energia e telecomunicações, construção de estradas, ferrovias, aeroportos etc.;
- **Indústrias de Bens de Capital.**

Política industrial

A partir dos anos 40:

- Licenças de importação (proteção ao produto 'nacional');
- Tarifas e quotas de importação;
- Conteúdo nacional;
- Câmbio discricionário;
- Bancos de desenvolvimento (crédito de longo prazo, subsídios, projetos especiais);
- Participação estatal direta (especialmente indústrias de base e infraestrutura);
- Atração de investimentos estrangeiros (empresas multinacionais).

Table 2.1. *Composition of net domestic product and average annual growth of real product, by sector, 1949-78 (in %)*

| | Agriculture | Industry | Services | Total |
|-------------------------------|-------------|----------|----------|-------|
| <i>Composition of NDP</i> | | | | |
| 1949 | 26.0 | 26.0 | 48.0 | 100.0 |
| 1959 | 19.2 | 32.6 | 48.2 | 100.0 |
| 1962 | 16.5 | 31.8 | 51.7 | 100.0 |
| 1967 | 12.8 | 32.5 | 54.7 | 100.0 |
| 1973 | 11.0 | 38.1 | 50.9 | 100.0 |
| 1977 | 12.2 | 37.0 | 50.8 | 100.0 |
| <i>Growth of real product</i> | | | | |
| 1947-62 | 4.65 | 9.36 | 6.89 | 6.93 |
| 1962-67 | 3.57 | 2.91 | 3.54 | 3.41 |
| 1967-73 | 4.68 | 13.21 | 11.34 | 11.46 |
| 1973-78 | 4.71 | 7.77 | 6.88 | 7.00 |

Source: National Accounts.

Crescimento e
Mudança
estrutural

Fonte: Samuel A. Morley *Labor markets and inequitable growth The case of authoritarian capitalism in Brazil*, Cambridge UP, 1982 (Cap. 1)

Estrutura da ocupação

Table 2.2. Shares of employment and growth in employment by sector, 1950-73 (in %)

| | Agriculture | Industry | Services | Total |
|-----------------------------|-------------|----------|----------|-------|
| <i>Shares of employment</i> | | | | |
| 1950 | 59.9 | 13.7 | 26.4 | 100.0 |
| 1960 | 53.7 | 13.1 | 33.2 | 100.0 |
| 1968 | 43.4 | 18.2 | 38.4 | 100.0 |
| 1970 | 44.3 | 17.9 | 37.8 | 100.0 |
| 1973 | 40.2 | 19.5 | 40.3 | 100.0 |
| <i>Growth in employment</i> | | | | |
| 1950-60 | 1.7 | 2.3 | 5.2 | 2.84 |
| 1960-70 | .7 | 6.0 | 4.0 | 2.70 |
| 1968-73 | 1.6 | 4.6 | 4.1 | 3.14 |

Note: Household survey data are employment only, for the five regions:

Fonte: Samuel A. Morley *Labor markets and inequitable growth The case of authoritarian capitalism in Brazil*, Cambridge UP, 1982 (Cap. 1)

| Quadro 4 - Concentração industrial no estado de São Paulo em setores selecionados, 1963 | | |
|--|---------------------------|--|
| Ramos de atividade | Número de empresas | Parcela da produção que cabe às três maiores empresas (%) |
| Estruturas metálicas | 8 | 78 |
| Ferramentas agrícolas | 9 | 97 |
| Arados | 17 | 76 |
| Motores elétricos | 9 | 86 |
| Geladeiras | 8 | 91 |
| Máquina de lavar | 6 | 82 |
| Balanças | 19 | 74 |
| Elevadores | 6 | 99 |

Fonte: Tavares, 1976.

TAVARES, M. C. Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Desenvolvimento dependente

Portanto, a diferença era considerável ' com respeito às economias que, na segunda metade do século dezanove, escaparam ao poder gravitacional da Inglaterra para transformar-se em sistemas nacionais autônomos. Neste último caso, a diversificação das atividades econômicas significou verticalização da estrutura produtiva, vale dizer, desenvolver as indústrias de base e de equipamentos e ganhar autonomia tecnológica em setores relevantes. A composição do comércio exterior refletia essa evolução: aumentavam as exportações de produtos mais elaborados e nas importações ganhavam importância os produtos primários ou de baixo grau de elaboração. No caso da industrialização de substituição de importações, a evolução do comércio exterior era praticamente inversa: a diversificação do sistema produtivo pouco ou nenhum efeito tinha sobre a composição das exportações, que continuavam a girar em torno de uns poucos produtos primários, e afetavam as importações fazendo-as mais sofisticadas. (Furtado, 1981, p. 42)

Exportar é o que importa

A partir dos anos 60/70:

- Esforço exportador
 - Subsídios e
 - Licenças de importação para componentes de produtos de exportação.
 - Zonas Especiais de Exportação
- Aprofundamento industrial (setor de BK)
- Preenchimento de cadeias produtivas
- Expansão do setor estatal (Brasil)

Gary Gereffi Recasting Development Theory
In Latin America And East Asia. Social Sciences
Research Centre Occasional Paper 6, 1992)

Chong-Sup Kim and Seungho Lee: Different Paths of
Deindustrialization: Latin American and Southeast
Asian Countries from a Comparative Perspective
Journal of International and Area Studies, Vol. 21,
No. 2 (Dec 2014), pp. 65-81.

Delfim Neto: da teoria à prática

O processo de desenvolvimento: enfoque estruturalista

- “No processo de desenvolvimento econômico, os aumentos da renda “per capita” são simples reflexos de uma realidade mais profunda, que é o **aumento e diversificação da capacidade produtiva**. O processo de desenvolvimento é, assim, um fenômeno não apenas quantitativo, mas também qualitativo, **que ao se realizar cria as condições necessárias à sua perpetuação, através da geração de um excedente de produção e das modificações estruturais** necessárias para ampliar o mercado e incorporar o excedente no aumento da capacidade produtiva da sociedade” (Delfim Netto, 1962, p. 127, *apud*. Marineli, 2017, p. 138).

Desenvolvimento econômico, conflito político e distribuição de renda.

A força propulsora desse desenvolvimento está longe de ser apenas o empresário, como na interpretação schumpeteriana. Na maior parte dos países subdesenvolvidos, o processo de desenvolvimento parece ser, atualmente, **um processo social, nacional e nacionalista**. Em maior ou menor grau **o Governo é o seu agente mais conspícuo e ativo** e na maior parte dos casos, o Governo é, também, o porta-voz de **reivindicações [sic] populares**, intensamente sentidas. Atrás dessas reivindicações [sic] encontra-se um desejo generalizado de padrões de vida mais elevados. As implicações desse tipo de desenvolvimento são fáceis de entender. **Ele influi no pequeno volume de poupanças, na incapacidade do mecanismo de mercado em alocar convenientemente os recursos, na conseqüente maior importância do poder político, na velocidade com que o desenvolvimento se processa e, por último, na tendência secular à inflação.** (Delfim Netto et. al., 1965, p.11.; apud Marineli, 2017, p.144)

Reforma agrária

Dêse ponto de vista **não há como defender indiscriminadamente o direito de propriedade**. Aquele que vive apenas da renda de seus capitais, não contribuindo pessoalmente de nenhuma forma para a solução do problema mais amplo, que é o do estabelecimento de formas de convivência social mais adequadas à realização do homem, não tem porque exigir o respeito à sua propriedade. Nêste caso, em lugar de ser um instrumento socialmente útil, a propriedade passa, de fato, a ser um privilégio. **A sociedade precisa defender-se contra a criação de tais privilégios, forçando o uso correto da propriedade, sem eliminar o instrumento, pela sua utilidade.** (Delfim Neto, 1965, p.62; Marineli, 2017, p.176).

Reforma agrária

- O aspecto mais grave de todo êsse sistema, do ponto de vista social, reside na circunstância de que o proprietário tem que manobrar permanentemente para impedir que os arrendatários e parceiros realizem investimentos na forma de benfeitorias ou na forma de culturas perenes, que criarão a oportunidade para reivindicações futuras de indenização. Chegamos, assim, a **uma forma socialmente absurda de ocupação do sólo, em que o proprietário vive de rendas, não tem qualquer interêsse direto em melhorar a produtividade do setor (porque normalmente uma parcela insignificante de seus rendimentos provêm da agricultura) e estimula formas de exploração puramente predatórias do sólo** (Delfim Neto, 1965, p.62; Marineli, 2017, p.177).

Reforma agrária

Seria completamente ilusório, entretanto, reduzir o problema a uma distribuição de terras, pois é sabido que sem substanciais investimentos preliminares em educação e outros “inputs” não-convencionais (pesquisas genéticas, agronômicas etc.), os novos proprietários não terão condições para cumprir a sua missão, e, ou terão de ser absorvidos em “fazendas governamentais”, constituídas pela agregação das propriedades fracassadas, ou regredirão a uma agricultura ainda mais primitiva. **A reforma agrária para atingir o seu objetivo (que não pode ser outro que não o enquadramento do setor agrícola dentro do processo de desenvolvimento econômico acelerado)**, há de ser, portanto, regional e paulatina, feita com cuidado e dentro dos limites definidos pelos investimentos preliminares. (Delfim Neto, 1962, p.129; Marineli, 2017, p.177).

A “Teoria do Bolo”

“Em uma economia que apresenta alta concentração na distribuição dos rendimentos, é possível a reserva de recursos ponderáveis para o investimento, desde que haja substancial diferença na propensão média a consumir da classe minoritária detentora do excedente econômico, em relação ao restante da população. Se bem que isto possa ser considerado desejável em etapas iniciais de desenvolvimento, **é claro que tal situação não pode persistir por muito tempo, uma vez que o próprio processo cria, na massa consumidora, expectativas de melhoria dos padrões de vida dificilmente comprimíveis dentro de um regime político aberto.** (Delfim Netto, 1965, p. 6, apud Martineli)”

Inflação e democracia

É claro que o processo inflacionário não se comportaria exatamente dessa maneira, pois que sendo as classes sociais atingidas desigualmente pelos aumentos de preços, em breve elas se organizariam (*a não ser que estivessem sob coação política*) para defender a sua participação no produto. Nessas circunstâncias, a inflação começaria a auto alimentar-se e a adquirir aceleração.(pg. 67)

Planejamento

- “Devido exatamente à necessidade de atendimento de tôdas essas condições e às contradições entre os critérios de racionalidade de curto e longo prazo, no que se refere aos investimentos, é que **o planejamento se apresenta como o instrumento adequado para a consecução do desenvolvimento econômico**”. (Delfim Neto, 1962, p.129; Marineli, 2017, p.140)

O Estado-Empresário

A expansão do Estado e o “Milagre Econômico”

Table 3.1. *Distribution of federal public firms by date of creation and economic sector*

| Sector | Before 1939 | 1940–9 | 1950–9 | 1960–9 | 1970–5 | 1976–80 | Total |
|-----------------------------|-------------|--------|--------|--------|--------|---------|-------|
| Mining and manufacturing | 2 | 5 | 4 | 14 | 24 | 16 | 65 |
| Transport and communication | 4 | 1 | 3 | 8 | 19 | 5 | 40 |
| Electricity | 11 | 1 | 5 | 3 | 6 | 0 | 26 |
| Finance | 3 | 2 | 3 | 5 | 11 | 7 | 31 |
| Other | 46 | 1 | — | 9 | 28 | 5 | 89 |
| Total | 66 | 10 | 15 | 39 | 88 | 33 | 251 |

160

Source: Pre-1970: Centro de Estudos Fiscais, “Atividade empresarial dos governos federal e estadual,” *Conjuntura Econômica*, 27 (June 1973):80, Table IV; *Visão, Quem é quem na economia brasileira*, 1980; Margareth Hanson Costa, “A discutida ampliação da intervenção estatal,” *Conjuntura Econômica* 33 (December 1979):92. Post-1970: SEST, *Empresas estatais no Brasil e o controle da SEST: antecedentes e experiência de 1980* (Brasília, 1981), Annex 20, pp. 94–120.

A Petrobrás e o complexo Petroquímico brasileiro

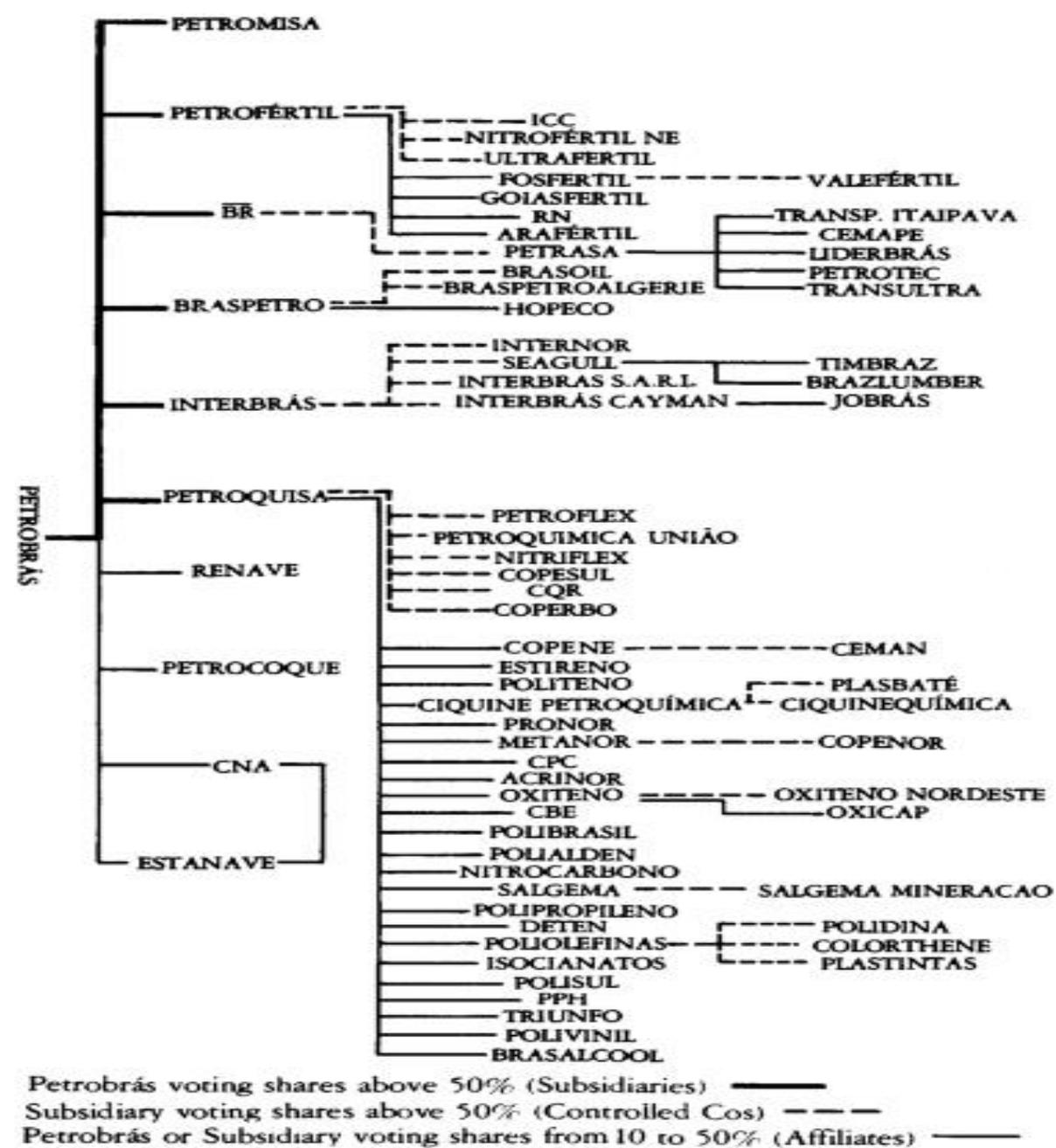


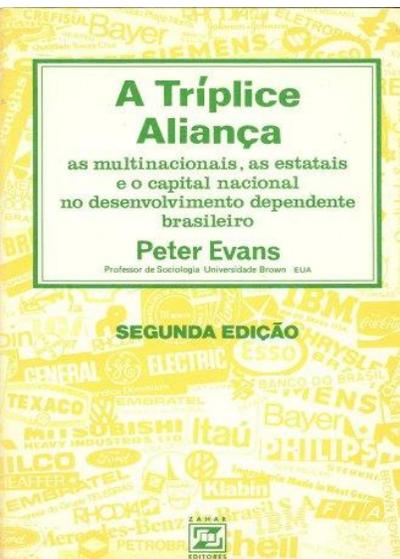
Figure 3.1. PETROBRÁS system in 1980.

A Companhia Vale do Rio do Doce e o complexo Siderúrgico brasileiro



Figure 3.2. CVRD's main subsidiaries and affiliated companies, 1976. (Source: CVRD Annual Report, 1976.)

A Tríplice Aliança



Peter Evans (1982)
A Tríplice Aliança.
As multinacionais, as
estatais e o capital
nacional no
desenvolvimento
dependente brasileiro.
RJ, Zahar.



O tripé desenvolvimentista.

- Indústrias tradicionais: têxtil, vestuário, madeira, borracha, vidros e cerâmicas, calçados, alimentos etc. (principalmente Capital Nacional);
- Indústrias de base: extração/refino/processamento de metais e combustíveis fósseis (principalmente Capital Estatal);
- Indústrias Modernas: metal-mecânica, eletrônica e linha branca, química, farmacêutica, material de transporte (Capital Multinacional e Nacional);
- Infra-estrutura: geração e distribuição de energia e telecomunicações, construção de estradas, ferrovias, aeroportos etc. (principalmente Capital Estatal);
- Indústrias de Bens de Capital (Capital Multinacional e Nacional)

“Campeãs Nacionais”: velhas conhecidas

TABLE 8-2. FDC-CPII Ranking of the Top Twenty Brazilian Multinationals, Key Variables, 2006

| Rank in foreign assets | Rank in transnationality index ^a | Name | Sector | Foreign assets / total assets (percent) | Foreign sales / total sales (percent) | Foreign employment / total employment (percent) | Rank in transnationality index (percent) ^a | Number of host countries |
|------------------------|---|-----------------------------|---------------------------------|---|---------------------------------------|---|---|--------------------------|
| 1 | 2 | CVRD | Mining | 46 | 18 | 24 | 29 | 10 |
| 2 | 18 | Petrobrás | Oil and gas | 12 | 12 | 11 | 12 | 9 |
| 3 | 1 | Gerdau | Steel | 39 | 54 | 46 | 46 | 11 |
| 4 | 6 | Embraer | Aviation | 45 | 12 | 13 | 23 | 5 |
| 5 | 24 | Grupo Votorantim | Diversified | 5 | 9 | 4 | 6 | 12 |
| 6 | 13 | CSN | Steel | 18 | 28 | 3 | 16 | 2 |
| 7 | 9 | Camargo Corrêa | Diversified | 26 | 13 | 18 | 19 | 12 |
| 8 | 5 | Grupo Odebrecht | Construction and petrochemicals | 15 | 20 | 47 | 27 | 12 |
| 9 | 23 | Aracruz | Pulp and paper | 19 | N.A. | 1 | 7 | 5 |
| 10 | 7 | WEG | Electromechanical | 24 | 30 | 11 | 22 | 12 |
| 11 | 4 | Marcopolo | Bus manufacturing | 30 | 30 | 22 | 27 | 7 |
| 12 | 11 | Andrade Guterrez | Diversified | 4 | 7 | 41 | 17 | 8 |
| 13 | 8 | Tigre | Construction | 27 | 17 | 17 | 20 | 7 |
| 14 | 31 | Usiminas | Steel | 1 | N.A. | N.A. | 0.3 | 0 |
| 15 | 17 | Natura | Cosmetics | 22 | 3 | 15 | 14 | 7 |
| 16 | 15 | Itautec | Information technology | 19 | 20 | 6 | 15 | 8 |
| 17 | 19 | America Latina Logistica SA | Logistics | 2 | 11 | 23 | 12 | 1 |
| 18 | 26 | Ultrapar/Grupo Ultra | Diversified | 2 | 2 | 3 | 2 | 2 |
| 19 | 3 | Sabó | Auto parts | 16 | 43 | 27 | 29 | 11 |
| 20 | 22 | Lupatech | Electromechanical | 10 | 4 | 7 | 7 | 2 |

Source: FDC-CPII survey of Brazilian multinationals; see FDC/Columbia University Program on International Investment (2007).

Note: N.A. = not available.

a. The “transnationality index” is a composite average of foreign assets to total assets, foreign sales to total sales, and foreign employment to total employment.

Comentário sobre as avaliações

Primeira Avaliação: Notas

- < 5,0 – Insuficiente: não trata do tópico proposto, não utiliza a bibliografia proposta, redação incompreensível, muito abaixo do n. mínimo de palavras.
- 5,0 a 6,5 – Razoável: sinopses pouco aprofundadas dos textos; argumentação pouco clara, descontínua ou incoerente; redação truncada ou confusa; ausência de uma questão ou linha de argumentação que organize o texto;
- 7,5 a 8,5 – Bom e Muito Bom: predominantemente resenha, com boa organização do texto e argumentos bem encadeados; organizado a partir de questões que organizam a argumentação; divisão em seções; acréscimo de referências bibliográficas; acréscimo de exemplos e casos; redação fluente.
- 9,0 a 10,0 – Excelente: Aplica as ideias da literatura para a discussão de um caso ou problema formulado de modo original, demonstra compreensão abrangente dos textos e das polêmicas envolvidas; acréscimo de referências bibliográficas e/ou fontes não acadêmicas; redação clara e fluente; uso de mapas ou gráficos relevantes; conclusões originais ou que desdobram a discussão em novos problemas.

Detalhes que importam:

- Introdução, conclusão, divisão em seções e subseções, título: quando e como usar?
- Referências bibliográficas e notas de rodapé;
- Citações e remissões;
- Revisão ortográfica e de estilo;

Ensaio?

- Parte de um problema, uma polêmica, uma ideia ou proposição, uma premissa teórica, uma hipótese, do senso comum;
- examina argumentos e evidências;
- elabora novos argumentos e/ou corrobora algum dos existentes;
- conclui (mesmo que inconclusivamente).

E o leitor?

Substituir o Estado pelo capital internacional no financiamento do desenvolvimento:

- Abertura comercial e financeira (liberalização da conta de capitais);
- Privatizações;
- Reestruturação das empresas nacionais (Fusões e Aquisições com/por empresas estrangeiras);
- Encolhimento dos bancos públicos.
- Tripé da estabilidade: câmbio flutuante, metas de inflação, superávit primário.

Novo-Desenvolvimentismo? Distribuição por consumo

- Manutenção do tripé-macroeconômico;
- Recuperação do papel dos bancos públicos;
- Fortalecimento das estatais;
- Fortalecimento dos conglomerados nacionais;
- Políticas de P&D;
- Políticas de estímulo ao consumo (Crédito ao consumo);
- Políticas de renda via mercado de trabalho (salário mínimo e formalização do emprego) e via políticas sociais (Aposentadorias, Bolsa Família, Pensões etc.);

O fim da era do crescimento acelerado?

Taxa média anual de variação do PIB (%)
Fonte: IPEADATA (PIB a preços de 2013, em R\$)

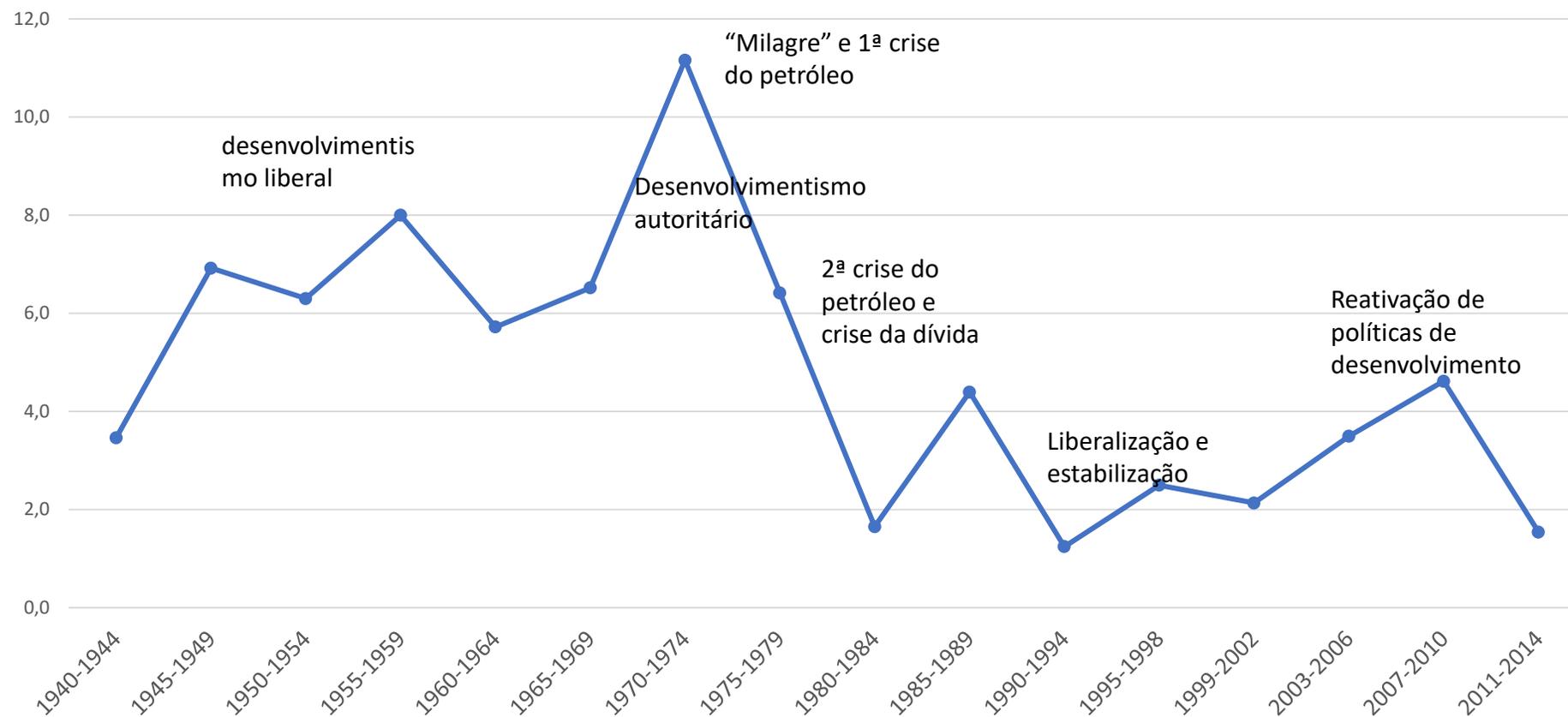
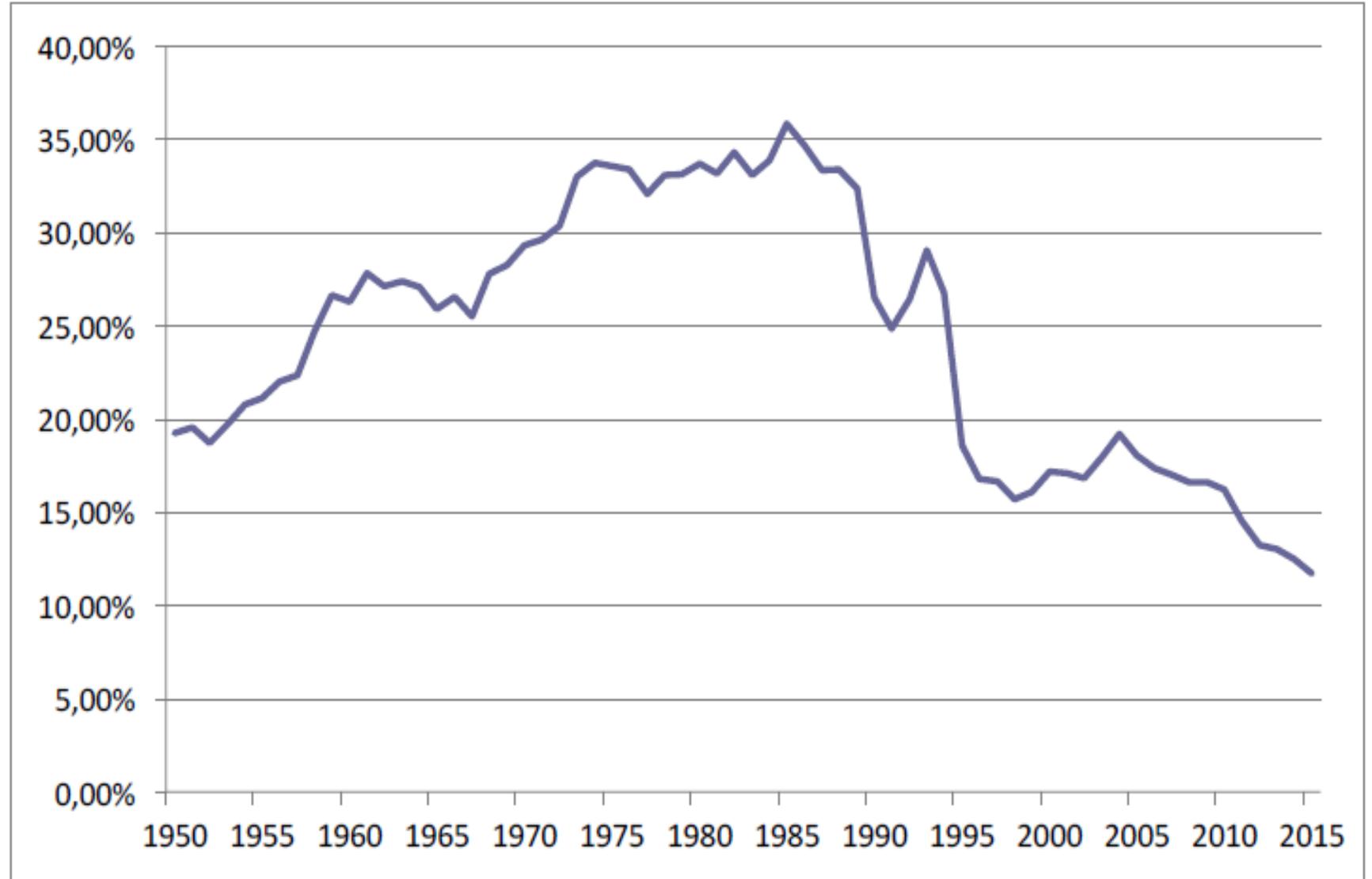


Figure 2: Share of the manufacturing industry in GDP (1947-2015)

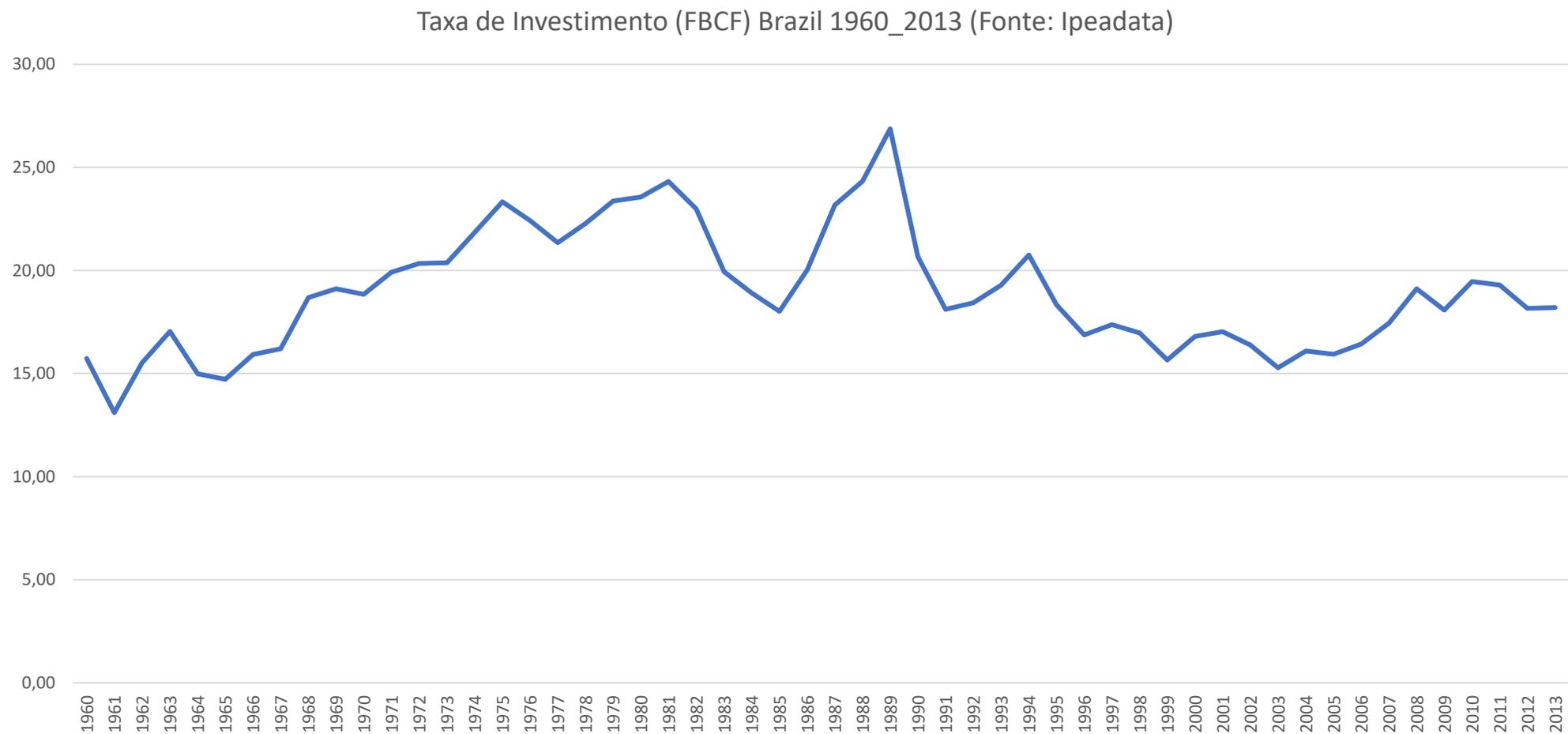


Source: IBGE.

Mudanças na
estrutura produtiva:
Industrialização e
desindustrialização

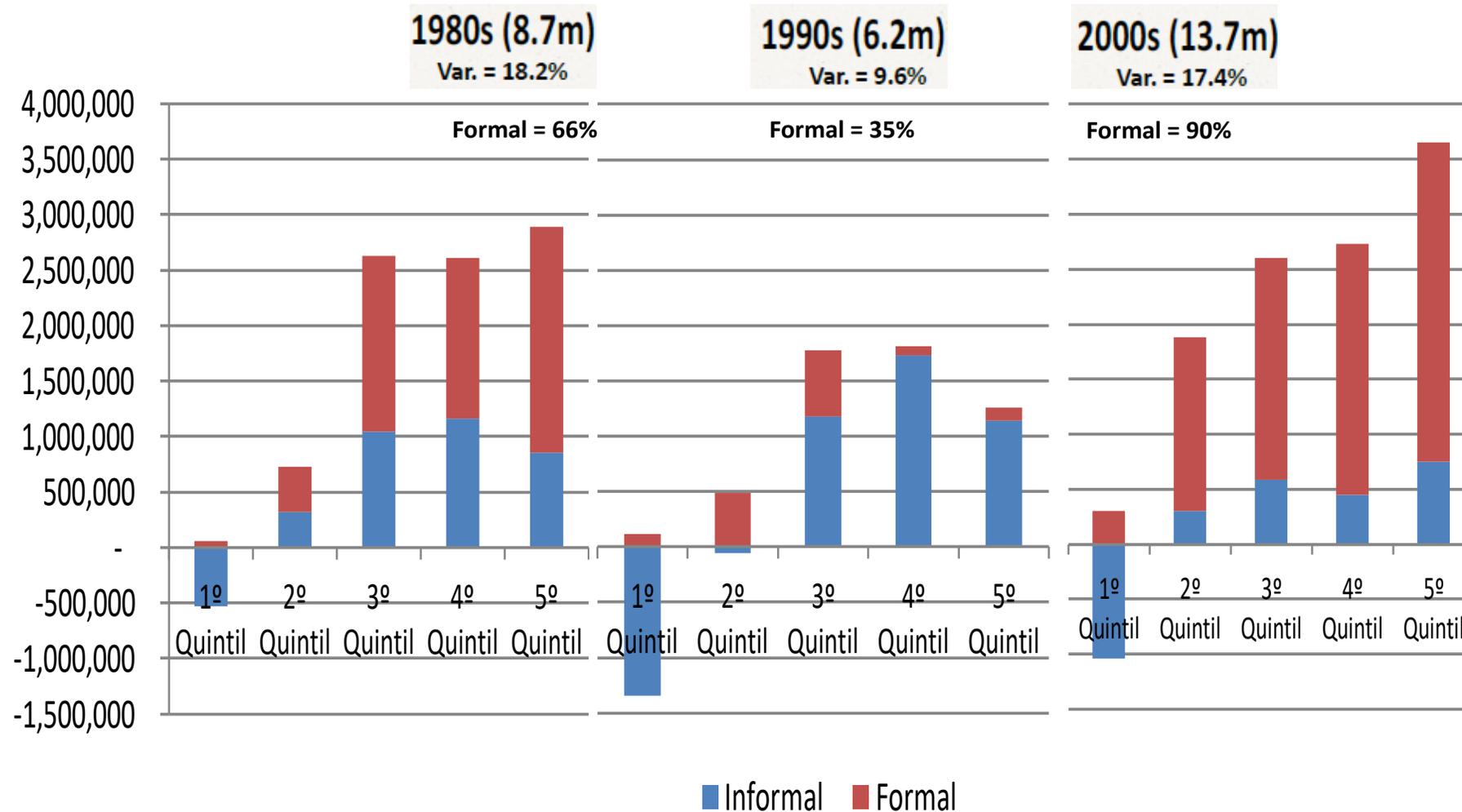
Luiz C. Bresser-Pereira
Brazil's 36 years-old
quasi-stagnation
and the interest rate-
exchange rate trap.
*Oxford Handbook on the
Brazilian Economy.*
(2017).

Taxa de investimento Brasil, 1960-2013



Emprego e estrutura sócio-ocupacional

Net job creation split in to formal and informal jobs, Brazil: 1980s, 1990s e 2000s



Evolução setorial do emprego no Brasil (1960-2010)

Tabela 1 – Distribuição da força de trabalho, segundo os grandes setores de atividade econômica (em%) – Brasil, 1960-2010

| Setores de atividade econômica | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|--|------|------|------|------|------|------|
| Agricultura, pesca e pecuária | 55,2 | 45,4 | 30,0 | 22,8 | 18,7 | 11,3 |
| Construção civil | 3,3 | 6,0 | 7,6 | 6,7 | 7,1 | 8,1 |
| Indústria, mineração e utilidades públicas | 10,1 | 12,8 | 17,9 | 16,5 | 14,4 | 14,7 |
| Comércio, transporte, comunicação e hospitalidades | 14,4 | 14,9 | 17,7 | 20,5 | 24,3 | 26,2 |
| Financeiro, imobiliário e negócios | 1,7 | 2,2 | 5,7 | 6,6 | 6,5 | 9,2 |
| Administração pública e defesa | 3,1 | 4,3 | 4,4 | 4,9 | 5,4 | 6,0 |
| Educação, saúde e assistência social | 2,5 | 4,4 | 6,1 | 8,0 | 9,7 | 10,6 |
| Serviços domésticos | 4,2 | 8,3 | 6,1 | 6,8 | 7,7 | 7,7 |
| Outros serviços | 5,5 | 1,7 | 4,5 | 7,2 | 6,2 | 6,1 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1960-2010. Tabulações especiais do CEM.

Evolução da estrutura ocupacional (modelo de classes EGP), Brasil (1960-2010)

Tabela 2 – Evolução da estrutura ocupacional, classes EGP (em%)
Brasil, 1960-2010 (inclusive trabalhadores não remunerados)

| | Classes EGP | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 | Var. 1960 a 1991 | Var. 1991 a 2010 |
|-------------|---|------|------|------|------|------|------|---------------------|---------------------|
| Não manuais | Profissionais (altos) | 1,5 | 2,4 | 3,1 | 3,9 | 4,8 | 7,4 | 2,4 | 3,5 |
| | Profissionais (baixos) | 3,8 | 5,2 | 6,0 | 7,5 | 9,1 | 7,0 | 3,8 | -0,5 |
| | Não manuais de rotina (altos) | 4,9 | 7,3 | 9,2 | 10,0 | 9,7 | 10,1 | 5,1 | 0,1 |
| | Não manuais de rotina (baixos) | 4,0 | 5,8 | 7,6 | 7,4 | 10,9 | 14,6 | 3,5 | 7,2 |
| | Proprietários e empregadores | 0,8 | 0,8 | 1,8 | 3,1 | 2,7 | 2,0 | 2,3 | -1,1 |
| | Empregadores rurais | 1,0 | 0,7 | 0,7 | 0,8 | 0,3 | 0,1 | -0,2 | -0,7 |
| | Agricultura de subsistência e trabalhadores rurais autônomos | 39,9 | 33,4 | 17,6 | 11,2 | 12,0 | 10,4 | -28,7 | -0,8 |
| Manuais | Técnicos e supervisores do trabalho manual | 1,8 | 2,5 | 3,4 | 3,4 | 3,4 | 3,3 | 1,6 | -0,1 |
| | Trabalhadores qualificados | 17,0 | 17,7 | 23,9 | 24,0 | 24,3 | 24,9 | 7,0 | 1,0 |
| | Trabalhadores semiquualificados | 11,7 | 12,8 | 15,4 | 17,8 | 17,1 | 15,9 | 6,2 | -2,0 |
| | Assalariados rurais | 13,6 | 11,3 | 11,2 | 10,9 | 5,8 | 4,3 | -2,7 | -6,6 |
| | Não manual | 16,0 | 22,4 | 28,4 | 32,7 | 37,3 | 41,3 | 16,7 | 8,5 |
| | Manual | 84,0 | 77,6 | 71,6 | 67,3 | 62,7 | 58,7 | -16,7 | -8,5 |
| | Rural | 54,5 | 45,4 | 29,5 | 22,8 | 18,1 | 14,8 | -31,6 | -8,1 |
| | Urbano | 45,5 | 54,6 | 70,5 | 77,2 | 81,9 | 85,2 | 31,6 | 8,1 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1960-2010. Tabulações especiais do CEM.

Acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários

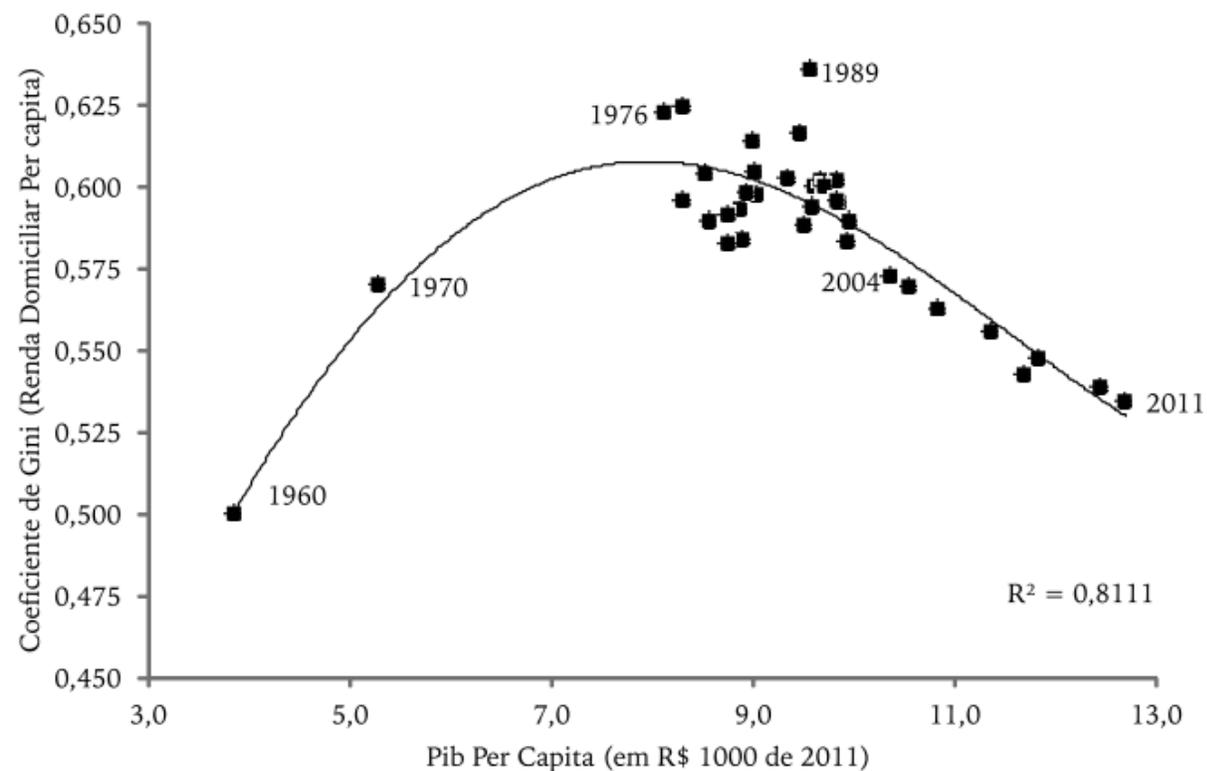
Tabela 3 – Proporção do emprego formal, segundo as classes ocupacionais EGP (em %) Brasil, anos selecionados das PNADs

| Classes EGP | 1981 | 1992 | 2001 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2011 |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Profissionais (altos) | 79 | 85 | 76 | 75 | 76 | 76 | 79 | 81 |
| Profissionais (baixos) | 70 | 78 | 68 | 48 | 50 | 50 | 53 | 55 |
| Não manuais de rotina (altos) | 76 | 84 | 76 | 76 | 77 | 77 | 78 | 81 |
| Não manuais de rotina (baixos) | 60 | 54 | 50 | 58 | 60 | 59 | 62 | 71 |
| Proprietários e empregadores | 89 | 76 | 64 | 63 | 61 | 59 | 61 | 70 |
| Empregadores rurais | 34 | 27 | 21 | 24 | 28 | 22 | 28 | 30 |
| Agricultura de subsistência e trabalhadores rurais autômos | 5 | 2 | 2 | 4 | 4 | 3 | 4 | 5 |
| Técnicos e supervisores do trabalho manual | 85 | 73 | 58 | 63 | 64 | 75 | 73 | 77 |
| Trabalhadores qualificados | 63 | 50 | 45 | 48 | 49 | 51 | 51 | 55 |
| Trabalhadores semiquualificados | 37 | 35 | 37 | 38 | 38 | 38 | 39 | 43 |
| Assalariados rurais | 12 | 24 | 27 | 32 | 34 | 36 | 33 | 38 |
| Total | 46 | 43 | 43 | 46 | 47 | 48 | 50 | 55 |

Fonte: IBGE, PNADs 1981-2011. Tabulações especiais do CEM.

Desenvolvimento e desigualdade no Brasil

Gráfico 1 – Relação entre desenvolvimento e desigualdade de renda
Brasil, 1960-2011



Fonte: IpeaData; IBGE, PNAD, 1976-2011. Tabulações especiais do Centro de Estudos da Metrópole (CEM).

Gráfico 1. Percentual da renda total apropriado pelo 0,1%, pelo 1% e pelos 5% mais ricos – Brasil, 2006/2012

Marcelo Medeiros, Pedro H. G. F. de Souza e Fábio A. de Castro (2014) O topo da distribuição de renda no Brasil: primeiras estimativas com dados tributários e comparação com pesquisas domiciliares, 2006-2012

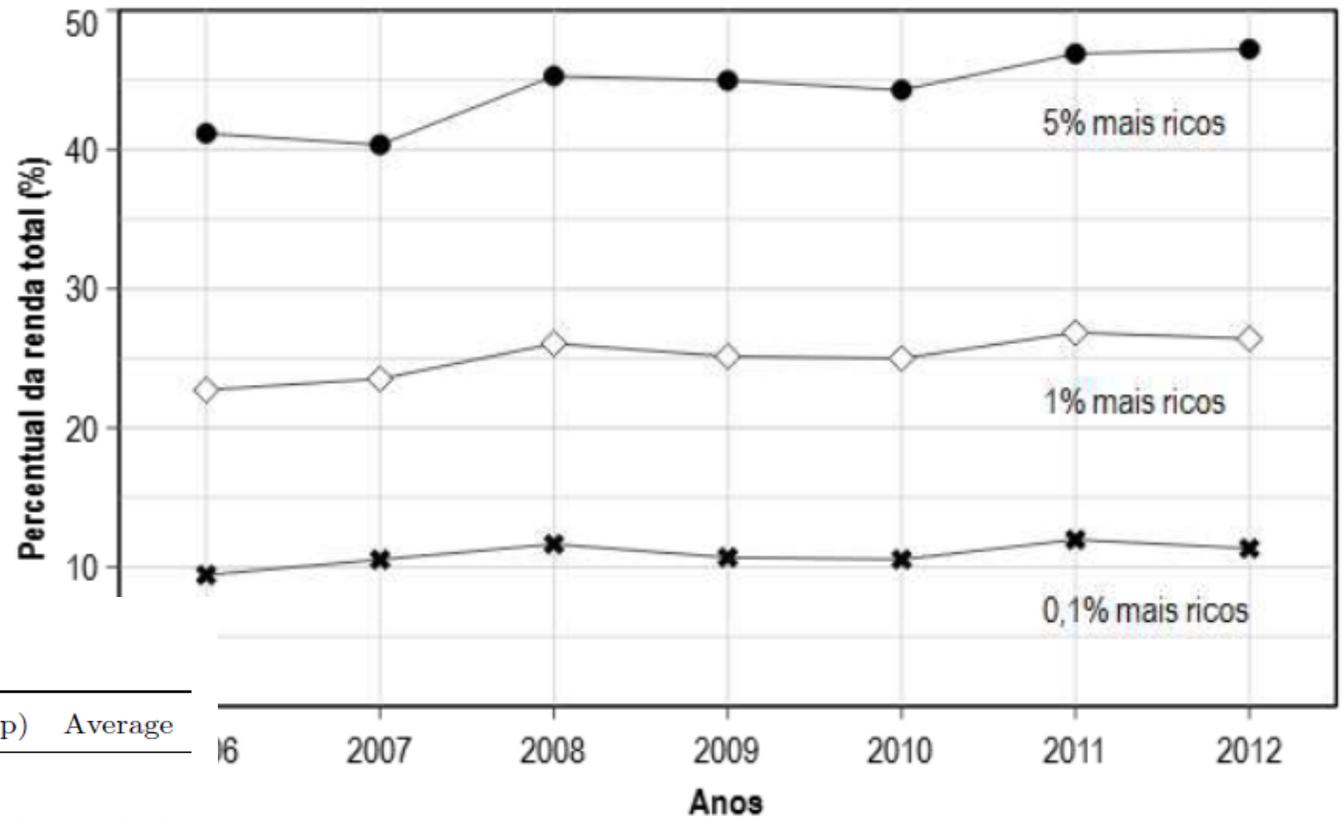


Table 1: Top income shares in Brazil – 2006–2012 (%)

| Top income shares | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | Δ (pp) | Average |
|-------------------|------|------|------|------|------|------|------|--------|---------|
| INCOME TAX DATA | | | | | | | | | |
| Top 1% | 22.8 | 23.6 | 26.0 | 24.0 | 23.3 | 24.0 | 24.4 | 1.6 | 24.0 |
| Top 5% | 41.3 | 40.5 | 45.2 | 42.9 | 41.3 | 41.9 | 43.7 | 2.4 | 42.4 |
| Top 1%–5% | 18.5 | 16.9 | 19.2 | 18.9 | 18.0 | 17.9 | 19.2 | 0.8 | 18.4 |
| SURVEY DATA | | | | | | | | | |
| Top 1% | 14.8 | 14.4 | 14.0 | 14.1 | n/a | 13.6 | 14.0 | -0.8 | 14.2 |
| Top 5% | 35.7 | 35.0 | 34.2 | 33.9 | n/a | 33.0 | 32.8 | -2.9 | 34.1 |
| Top 1%–5% | 21.0 | 20.6 | 20.1 | 19.8 | n/a | 19.4 | 18.8 | -2.2 | 20.0 |

Source: Medeiros, Souza and Castro (2014b), updated with new GDP estimates (see footnote 1 above).

Notes: The PNAD is not carried out in Census years such as 2010. The Top 1% and the Top 1%–5% shares might not always sum up exactly to the Top 5% due to rounding.

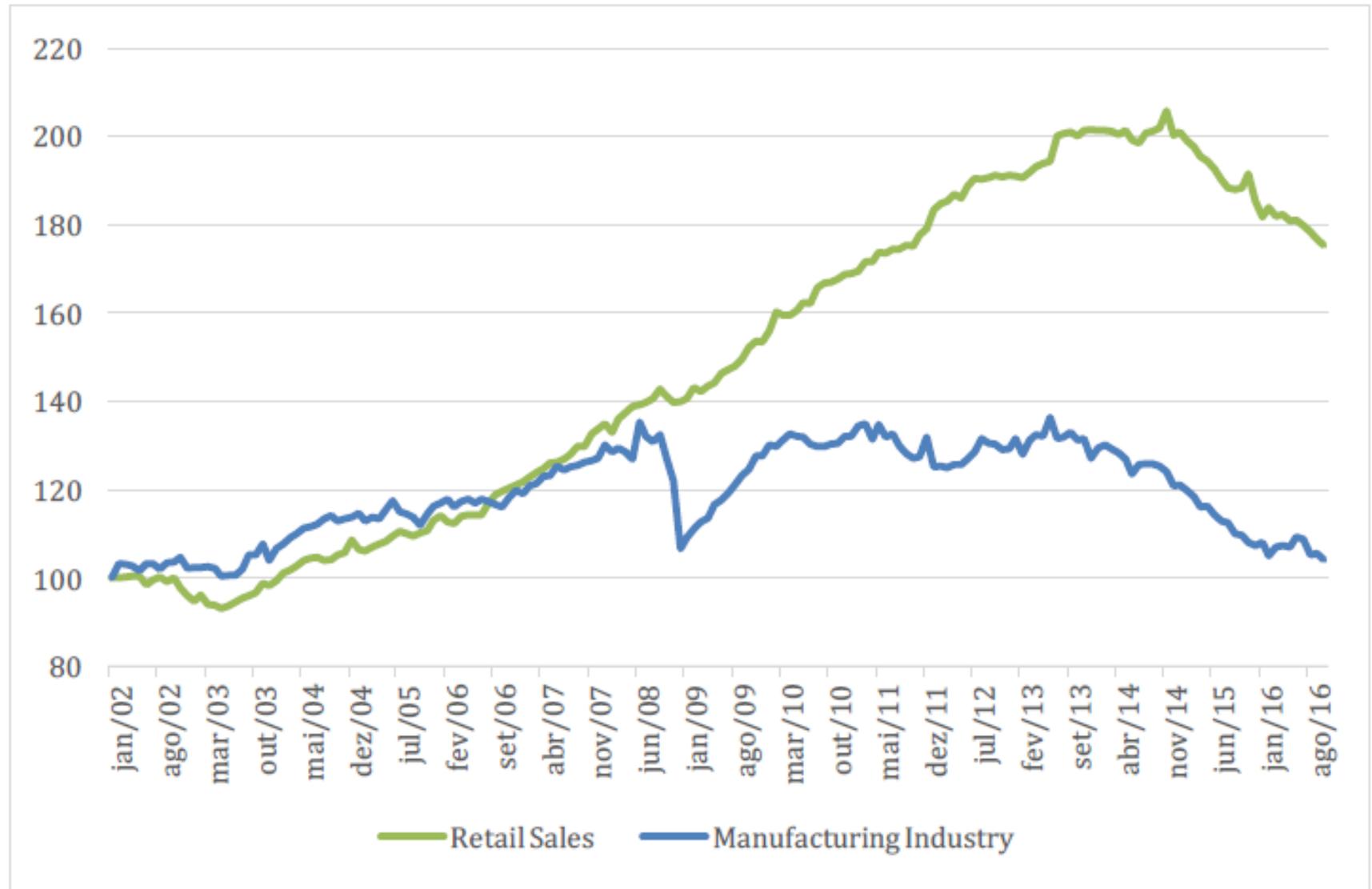
Fontes: IRPF – DIRPF 2006 a 2012; População – IBGE, projeções de população; Renda das famílias – estimada a partir dos dados do IBGE.

Tendências importantes

- Esvaziamento e empobrecimento no campo; persistência da concentração da terra;
- Alcance limitado da indústria e especialmente do emprego industrial de maior qualificação; declínio e estagnação relativa nas últimas décadas;
- Persistência do emprego doméstico e das ocupações ambulantes;
- Crescimento das ocupações profissionais (especialmente nas áreas sociais, com grande peso do estado)
- Crescimento de ocupações de rotina em serviços (escriturários, atendentes, secretárias), comércio (vendedores, representantes e televendas) e hospitalidades (garçons, cozinheiros, arrumadeiras);

Desindustrialização : qual desenvolvimento?

**Figure 3: Physical production of the manufacturing industry and retail sales:
2002-2012 (January 2002 = 100)**

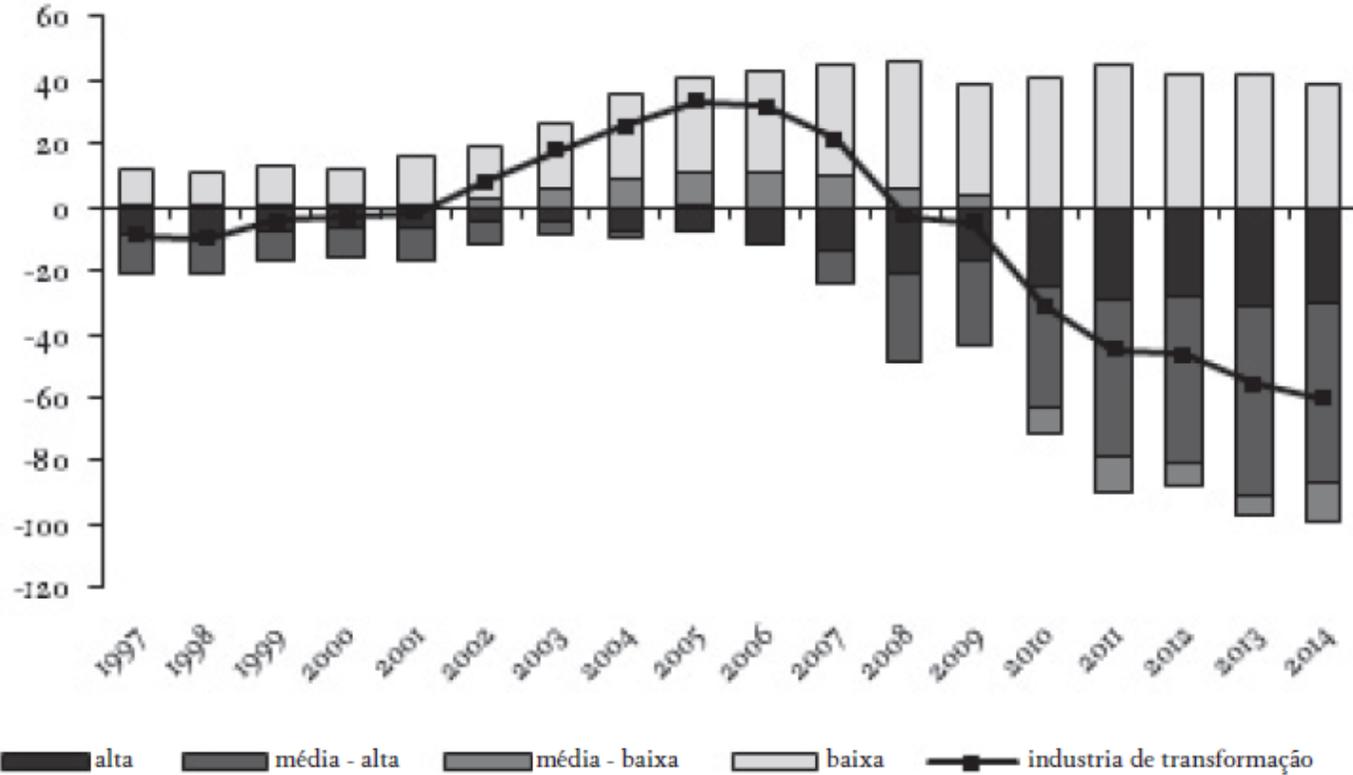


Descolamento entre produção e consumo

Luiz C. Bresser-Pereira
Brazil's 36 years-old
quasi-stagnation
and the interest rate-
exchange rate trap. *xford
Handbook on the
Brazilian Economy.*
(2017).

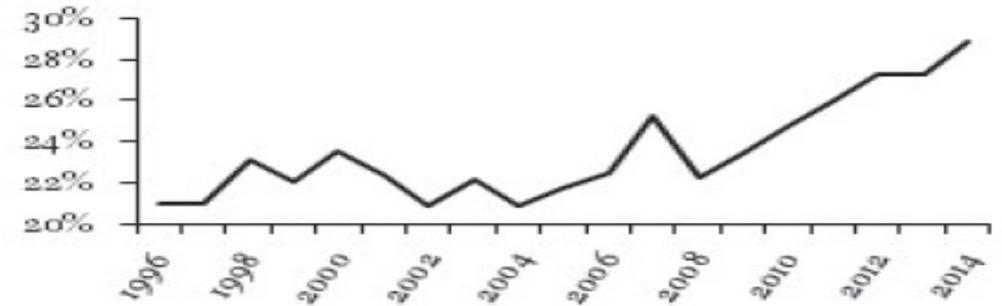
Source: IBGE – Monthly Industrial Survey and Monthly Retail Survey. Observ: seasonal adjustment.

Gráfico 8. Balança comercial da indústria de transformação (US\$ bilhões)



Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

Gráfico 3. Coeficiente de insumos industriais importados na Indústria de Transformação (preços correntes)*



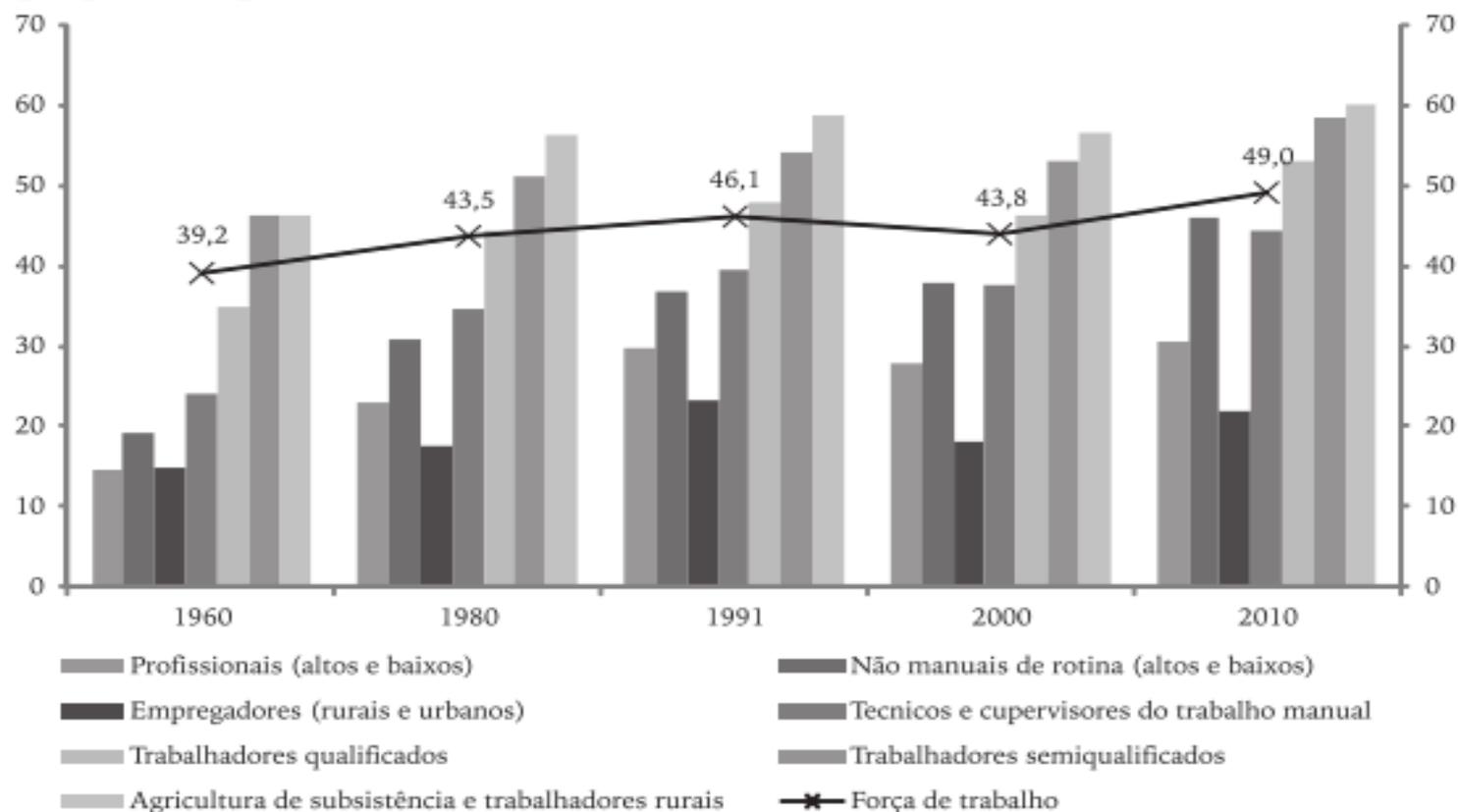
Fonte: CNI. Elaboração própria.

* Os valores destacados referem-se ao mês de janeiro do ano subsequente.

Fonte: **Maurício Espósito** Desindustrialização no Brasil: uma Análise a partir da perspectiva da formação nacional. Revista Da Sociedade Brasileira De Economia Política, 46 /janeiro 2017– abril 2017.

Segregação ocupacional, por cor

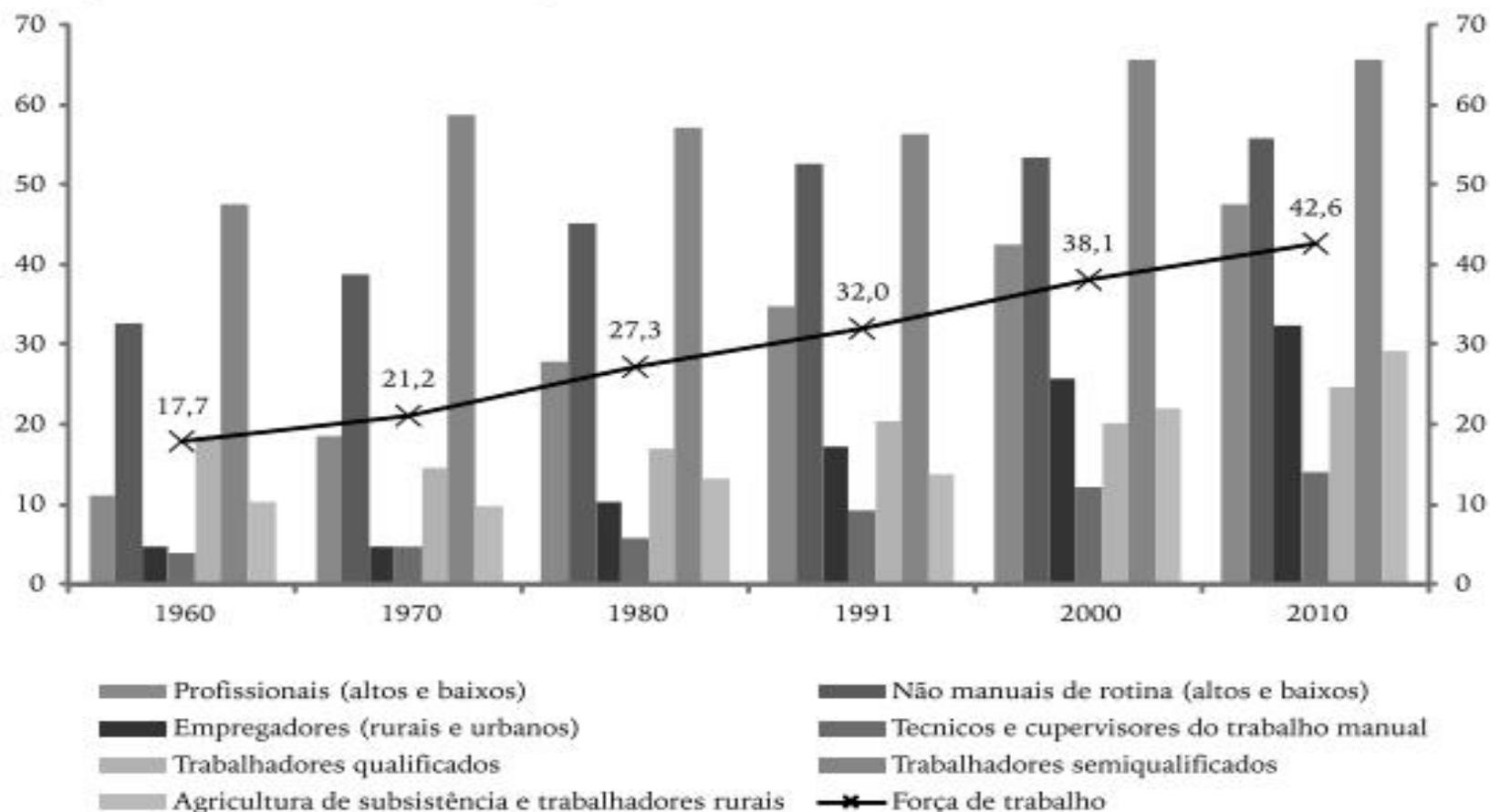
Gráfico 3 – Participação de não brancos na força de trabalho, segundo grupos ocupacionais EGP – Brasil, 1960-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1960-2010. Tabulações especiais do CEM.

Segregação ocupacional, por sexo

Gráfico 4 – Participação feminina na força de trabalho, segundo grupos ocupacionais EGP – Brasil, 1960-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1960-2010. Tabulações especiais do CEM.

Table 12. Composition of selected Latin American countries' imports from China (%)

| | Chile | | Mexico | | Paraguay | | Peru | |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | 06 | 11 | 06 | 11 | 06 | 11 | 06 | 11 |
| Food and live animals | 0 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Beverages and tobacco | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Crude materials except food and fuel | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Mineral fuels, lubricants and related materials | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| Animal and vegetable oils and fats | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Chemicals products | 4 | 5 | 3 | 4 | 6 | 6 | 9 | 7 |
| Manufactured goods classified chiefly by material | 17 | 18 | 10 | 10 | 4 | 8 | 23 | 23 |
| Machinery and transport equipment | 33 | 41 | 69 | 70 | 74 | 62 | 45 | 50 |
| Miscellaneous manufactured goods | 45 | 35 | 15 | 13 | 17 | 24 | 21 | 19 |
| Commod. & transacts. Not class. Accord. To kind | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Source: Author's calculations, based on United Nations Statistics Division.

Table 11. Composition of selected Latin American countries' exports to China (%)

| | Argentina | | Brazil | | Chile | | Peru | |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | 06 | 11 | 06 | 11 | 06 | 11 | 06 | 11 |
| Food and live animals | 3 | 4 | 2 | 4 | 5 | 3 | 21 | 17 |
| Beverages and tobacco | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Crude materials except food and fuel | 44 | 73 | 70 | 75 | 57 | 34 | 69 | 68 |
| Mineral fuels, lubricants and related materials | 26 | 7 | 10 | 11 | 0 | 0 | 4 | 1 |
| Animal and vegetable oils and fats | 19 | 9 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Chemicals products | 2 | 2 | 3 | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 |
| Manufactured goods classified chiefly by material | 6 | 2 | 8 | 3 | 36 | 61 | 4 | 12 |
| Machinery and transport equipment | 0 | 0 | 5 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Miscellaneous manufactured goods | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Commod. & transacts. Not class. Accord. To kind | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Source: Author's calculations based on United Nations Statistics Division.

